

2

DISCURSO
 GRATULATORIO,
 QUE
 O AMOR, A FIDELIDADE, A GRATIDÃO,
 E A VASSALAGEM,
 CONSAGRÃO AO MELHOR, E MAIOR DOS MONARCHAS LUSOS
 O SENHOR
D. JOÃO SEXTO,
 REI DO REINO UNIDO, PORTUGAL, BRAZIL,
 E ALGARVE.

POR
 ANTONIO LOURENÇO CAMINHA,
*Professor Regio de Rhetorica, e Poetica, e Cavalleiro
 da Real Ordem de S. Thiago.*



LISBOA:
 NA NOVA TYPOGRAFIA SILVIANA. ANNO DE 1824.
Travessa da Portaria das Freiras de Santa Anna N. 2.

Com Licença da R. Com. de Censura.

He hum Principe perfeito, huma pura imagem da Divinda-
de, e huma dadiva celeste, com que os Ceos selecitão os dias das
Nações escolhidas.

*D. Frei Amador Arraes, Arcebispo
de Portalegre, Dialogo V.*



Se os ho-
rão as a-
mortaes
lira de oi-
tas, e pe-
forão ass-
derei eu
sublime
Soberano
hum Sober-
ilustrado
Accões, h-
lo de hum
mente, qu-
dos seus A-
contrapost-
feis Vassa-
he, ó illus-
intrepido
do Tropico

(1) He
Homero de
nasendo, e
mitavens qua-
trato em to-
das Batalhas
espantoso be-

DISCURSO GRATULATORIO



SENHOR.

Se os horrorosos feitos de Achilles, que ensanguentam as agoas do Escamandro, e gelarão de susto os mortaes peitos Troyanos, merecêrão ser cantados na lira de oiro do divino Cantor da Grecia. (1) Se as curtas, e pequenas Navegações de hum General Troyano, forão assumpto do Mantuano Plectro; porque não poderei eu sem susto, traçando materia mais nobre, mais sublime materia, alçar hoje a voz, em louvor de hum Soberano que faz a gloria da Nação, e do Estado! De hum Soberano, que assombrando o Mundo censível, e illustrado, com a brilhante cadêa de suas immortaes Acções, he hoje olhado com admiração, e como modelo de hum Principe perfeito! De hum Soberano finalmente, que abrazado em fogo honroso, com o exemplo dos seus Antepassados, teve em pouco as borrascas do contraposto Oceano, com tanto que salvasse a seus fieis Vassallos do impio rigor do commum Inimigo. Este he, ó illustres Portuguezes, o primeiro Rei Luso, que intrepido contrasta o indomito Oceano, passando além do Tropico, filho daquella inclita Soberana, que semi-

(1) He justissimo o epiteto que a sabia Antiguidade deo a Homero de *divino*. Toda a Iliada, que Longino compára ao Sol nascendo, e a Odissea, ao Sol transpondo-se, he adornada de inimitaveis quadros de valor heroico. O corpo de Heitor he arrastado em torno dos Troyanos Muros. Diomedes enrosta o Deos das Batalhas, e o fere com sua lança, este Deos dá hum tão espantoso brado, que se ouve nos confins do Mundo.

lhante á grande Imperatris do Oriente, filha de Arcadio, se fez digna dos Elogios dos Padres de Constantinopla. Sciende dos immortaes feitos de hum Henrique, (1) nas Africanas Costas; de hum Manoel, do doirado berço do dia, (2) (Senhor das Chaves do espantoso Oceano) quer ver hum novo Mundo, escondido aos mortaes olhos, desde a sua origem (3).

Nesta remota estancia, pungido da mais terna saudade da Patria que lhe deo o berço, e de seus fieis Vassallos, que o vião, e mavão com ternura, veneração, e respeito, como hum verdadeiro Pai, hum só dia não passa, sem que dispenda beneficios. O Pastor de Mantua, alegorisado em bucólico estilo, não foi por certo, mais venturoso com o seu Augusto endeosado, quanto os Portuguezes são com VOSSA Magestade.

Eu seria, REAL SENHOR, ingrato aos olhos do Mundo todo, e até ao mesmo Ceo, que tudo sabe, e conhece

(1) Este he o Senhor Infante D. Henrique bem conhecido na historia nacional, por seus incansaveis trabalhos.

(2) O Senhor Rei D. Manoel, se fez Senhor da India Oriental, tendo as Chaves do Oceano, sem que lhe fosse preciso castigalo, como estupidamente fez Xerxes ao Helesponto, por que desdenhava obedecer-lhe. He a Vida deste Senhor hum rico Trofeo de Triunfos do Oriente na dilatação da fé! Bispo Pinheiro.

(3) Não tiveram os Portuguezes a gloria de serem os descobridores da America, por effeito das razões Politicas daquelles tempos; o Descobrimto porém do Rio das Amazonas, he hum amplo Theatro da gloria portugueza. Os Hespanhoes tentárão por algumas vezes, a sua descoberta, porém as Guerras Civis que assolarão o Perú, e outras mil difficuldades que encontrárão, os fez desestir deste empenho. Esta gloria tinha o Ceo destinado para os Portuguezes, sempre os primeiros na difficuldade de vencer perigos, para mostrar ao antigo Mundo, hum novo Mundo, novas Regiões, novos mares, e hum grande diluvio de agoas. Pedro Teixeira em 28 de Outubro de 1637, sahindo do Pará com 16 Covas, em que hião 70 Portuguezes, e mais de 900 Indios, vencendo mil barreiras superiores ao valor humano, conseguiu com gloria immortal, o seu descobrimto. Vide Antig. de Vi-zeu M. SS. e Hist. da America, igualmente Mss.

até ao fe
nente o
numento
imitador
tres Pais
das Artes
dor do se
mitando o
lhos rec
Seria que
ou pertenc
se as quin
He a
Vassallo p
raiz dond
calumnias
seus Cidi
aos Atbe
" em deã
" ter inst
" sacrific
" Patria
Estas
rania, que
(1) O A
de com toda
para sua m
de 1818.
(2) Isto
há quem ell
mão inab
(3) Rolí
(4) Os a
tia, e de a t
me de Aray
na laboi
(5) No S
que 250 ann

até ao fundo dos corações mortaes, se assim publicamente o não confessasse, (1) e se não erigisse este Monumento da minha gratidão para a Posteridade. Fiel imitador das sabias maximas de reinar, de seus illustres Pais, e Avós, se constitue columna innabalavel das Artes, e das Sciencias (que faz o brilhante esplendor do seu Throno) como dos que as professão, já premiando os suores, e canseiras literarias, já dando valiosas recompensas, todas filhas da sua grande alma. Seria querer contar os resplandores do Sol raio a raio, ou pertender fechar as agoas do mar em breve concha, se as quizesse numerar (2).

He a Educação o mais rellevante serviço que hum Vassalo póde fazer ao seu Rei, e á sua Patria, como raiz donde brota toda a humana felicidade. Socrates calumniado, produzia em sua Defeza, o ter educado os seus Cidadãos, ex aqui como elle energicamente falla aos Athenienses. « Nada mais tenho que allegar-vos » em defeza de meus suppostos crimes, senão o de vos » ter instruido a Vós, e a vossos filhos nas Virtudes, » sacrificando por muitas vezes a vida em serviço da » Patria » (3) (4).

Estas são, SENHOR EXCELSO, as Accões da Sobe-
rania, que não carecem dos Marmores (5), e dos Bron-

(1) O Author deste Descurso, foi jubilado por Sua Magestade com todo o Ordenado da sua Cadeira, e com supervivencia para sua mulher, e filha, por seu Real Decreto de 8 de Julho de 1818.

(2) Isto obrigou a dizer João Jaques Ruso: Que a necessidade foi quem ellevou os Thronos, e que as Artes, e Sciencias os firmarão innabalaveis.

(3) Rolin hist. antiga.

(4) Os antigos Romanos, inda depois de Senhores da Grecia, e de a terem reduzido a huma Provincia, a que derão o nome de Acaya, não se pejarão de fazer transportar a Roma, os mais habeis Mestres da Grecia. Idem.

(5) No Seculo passado passarão para Inglaterra Marmores, em que 260 annos antes do nascimento de Christo, tóra gravada hu-

zes, para se eternisarem, nem dos Obliscos, e Estatuas, que a antigua Roma eregia á memoria dos seus Heróes. Gastou o tempo estas apparatusas Machinas, que na apparencia mostravão competir com a eternidade, não restando dellas mais, que huma assoada, e membros delidos da antiguidade. Tanto he certo, que assim como as ondas do mar alto, batendo nos rochedos com grande bramido, se desfazem, e desaparecem, assim os falsos Titulos, e barbaros feitos, que na vida derão grandes roncros de vaidade, acabão dando em terra, e trocando os corpos nella (1).

Mas em que vasto, e espantoso Oceano me hia agora engolfando, sem superior auxilio? Se acaso Cicero temia, e tremia com a magestade de seus assumptos, já no Senado, já nos Rostros, que farei tendo de fallar das Virtudes de VOSSA MAGESTADE? Mas que não póde a fraqueza do barro, animada dos justos Ceos? Que eloquencia d'alma não tem elles inspirado áquelles grandes Genios, que abrazados de seu fogo, tomárão, como eu, por singular assumpto, a Virtude da Beneficencia? Nunca a Eloquencia tomou mais alto, nem mais atrevido vôo, como tambem, nem mais glorioso, nem mais sublime. A voz de Plinio que immortalisou a Trajano, seria debil, e grosseira para a grandeza do assumpto que emprehendo. Tu candida verdade, batendo as niveas azas, vem repousar sobre o meu peito! Move-me, illustra-me, anima-me, que eu já solto as vellas ao meu discurso.

ma Chronica, que contem os successos mais notaveis da Grecia, desde Cicrope até Alexandre Magno, e porque do Museu do Conde do Arendel, forão para a Universidade de Oxford, se chamão Marmores de Arendel, ou de Oxford. O Hebreo chama a estes jaspes, pedras de Sais, talvez porque vinhão da Sais, Cidade do baixo Egipto, de que falla Plinio.

(1) Vieira discursos.

Que ven
a humana
do os mo
perto, e
ventos não
não temen
se desemfr
peitaveis,
beranos, u
huma Edu
fontes do
de oro do
dos do sa
e base in
dução. « B
nes, a S
= thesour
= vaidade
= espantos
= dia, e qu
= bre a fac
= do no pa
= cioria á
= habitac
Assim

(1) São o
te do Inter
(2) Joh
terra.
(3) A M
entado o C
tes conta d
do qz nada,

Que venturosos não forão aquelles Seculos, quando a humana Sciencia, dava as mãos á divina (1). Quando os mortaes abrigados no porto da Religião santa, (porto, e estancia segura, onde os mares calão, e os ventos não reclamão) tinham por fixo norte a Virtude, não temendo jámais as procellas, que no globo da terra se desemfreão. Quando os Chefes mais illustres, e respeitaveis, quando finalmente os mesmos Principes Soberanos, ministravão a seus filhos, ainda innocentes, huma Educação santa, e pura, dirivada das sagradas fontes do Evangelho de J. C.! Taes forão os Seculos de oiro do nosso priinitimo Reino de Portugal. Pungidos do santo temor, e amor de Dees (principio firme, e base innabalavel de toda a Sciencia) desta arte lhes dizião. « Buscai, meus caros filhos, se quereis ser felizes, a Sabedoria, e a Virtude, mais que todos os thesouros da terra, por quanto. o mais tem só pura vaidade (2). Buscai aquelle que de nada (3) creou a espantosa machina do Universo, e muda em noite o dia, e que chama as agoas do mar, e as derrama sobre a face da terra. Aquelle finalmente que abraza do no puro amor dos mortaes, baxou do ceio da sua gloria á terra, para della ellevalos ao Ceo, Patria, e habitação dos justos.

Assim fallavão, assim se exprimião, parecendo sa-

(1) São os bons livros, guia do Ceo, como os máos, sementes do Inferno. Sousa.

(2) Job. e Psalmo 2.º *dis, Sede eruditos. Vós, os que julgaes a terra.*

(3) A Mithcologia dos antigos Poetas, e Filosofos, dizia ter existido o Cáo, antes da Creação do Mundo, o que he falso, pois nos consta das sagradas letras que o Ente eterno creára o Mundo do nada, e sómente com a sua imperiosa voz, e vontade.

hir das suas boucas, labaredas de huma Eloquencia divina, o que seus filhos escutavão, penduradas de seus labios (1) Scientes, e possuidores do fino oiro das divinas letras, nada dizião, nada dictavão, que não fosse grande, e sublime, e bem capaz de ellevar a nossa alma ás maiores empresas. Esta a origem, este o fúco, e a causa motris, que implio imperiosamente aos nossos inclitos Soberanos, a fazerem immortaes feitos, arrostando impavidos innumerosos Exercitos, compostos de infindos enxames de barbaros Mahometanos. Confia-dos no poder divino, qual outro Moises, nada temião, nada receavão, escudados do bronzeado escudo da fé mais viva (2). As acções mais dificeis, e arriscadas se emprehendião sem hesitação, e se completavão com gloriosas Victorias; mas em que vastos mares, me hia agora engolfando com meu fragil Batel?

Poder immenso da increada Causa, Vida, e Alma do Universo (3) meu frio engenho illustra! Tu que foste quem deo existencia ao Mundo visivel, e invisivel, que fizeste que o nada fecundasse, as trevas fогissem, e a massa dos entes se desenvolvesse (3); que finalmente a terra apparecesse, e as esferas se dilatasse, permite que meu rude engenho emprehenda o que só he digno de altas Epopeas.

Confiado no alto poder do Senhor dos Exercitos, foi que o nosso primeiro Soberano, deo venturoso principio á Monarchia Lusa, derrotando, e pondo por terra, a cinco Reis Agarenos, que com mófa do nosso limitado poder, já entre si repartião de ante mão, o nosso

(1) He assás importante a Educação dos Princepes. Salus papuli, suprema lex. Cicero da leg ib. L. 3. Isto obrigou a dizer a hum antigo, e sabio Portuguez. Ter sido o Imperio Luso ganhado, com tantos perigos, e trabalhos, que pareceo ter contendido entre si, a virtude, e a fortaleza. Frei Simão Coelho Chronica dos Carmelitas Cap. I. p. 32.

(2) S. Thiago. Ep.

(3) Gonen. Cap. I.

terreno. Ainda hoje ao vago caminhante, que trilha estas Campinas (1) lhe parece estar vendo cerpear caudaes rios de sangue humano, ouvir os lugubres gemidos dos semi-mortos, e que os montes alvejam com os mirrados ossos dos barbaros guerreiros. Tanto pôde a açada dos nossos seetidos! Escudado, e fornecido da mesma fé, se fez eterno na memoria dos mortaes, hum Affonso IV. na memoravel Batalha do Salado, onde visivelmente se vio peleijar o braço do Eterno (2). Hum Diniz, em todas as acções difficeis, e arriscadas, que com heroico animo emprehendeo.

Esteio sublime das Artes, e Sciencias, tu foste o que illustraste o Seculo em que viveste, porque sabias o apreço que da Sciencia faz o mesmo Deos. Ex aqui, segundo as sagradas letras, como ella se exprime (3): «Eu sou a que sahi da boca do Altissimo, e a Primo-genita de todas as Creaturas.» Hum D. João II. na difficil Arte de reinar, tanto he certo, ser a experiencia consumada, a Coroa dos velhos, e o temor de Deos, a sua gloria. Hum Manoel, que ardendo em desejos de levar o Estendarte da Fé ao Oriente, foi elle quem pôs em pratica o descobrimento da India Oriental, que muitos dos Cosmografos antigos tinham por impossivel, e os modernos a caracterisárão por louca, e desacisada (4). Indignado por dilatados Evos, o vasto, e espan-

(1) Isto confessa de si o Aathor deste discurso, quando transitando para o Reino do Algarve, pisou este terreno, onde admirou hum sumptuoso Templo, que o Senhor Rei D. João V. eregiu por terna memoria desta Batalha.

(2) Assim o asseverão as memorias antigas de Portugal.

(3) Heitor Pinto, Dial. IV.

(4) Isto obrigou a dizer ao nosso Vieira: «Lançárão os Portuguezes ferro, onde Santo Agostinho não pôde chegar com o seu entendimento.» A navegação, o descobrimento do novo Mundo, o refinamento, e extenção das especulações mercantis, forão uteis para muitas coisas, mas a Religião, a Moral, e até a sã Politica, lhe deyxem bem pouco. Os homens se fizerão idolatras do prazer, a mesma Roma escrava do sensualismo, resurgi-

toso Oceano, parecia querer tragar os mais valentes Baxeis, que ousavão contrastar suas empoladas ondas; que Neptuno com seu trisulco Tridente a tudo aterra-va que se lhe punha em frente (1). Foi então nesta gloriosa Epoca, que os Lusos mostrarão ao Mundo todo, a vastidão de suas grandes almas. Ardentes Equinoccios, horrorosas borrascas, soberbos Adamastores, novas vistas de Ceos, e de novos mares, nada foi capaz de amedrontar seus intrepididos peitos em serviço da Patria, e do Soberano. Quaes habitantes do Nilo, a quem não amedrontão o estampido dos Catadupas, elles tem em nada os riscos, e as tempestades. Esta foi a Idade de Portugal, em que forão de maior valor, e estima, as marciaes feridas, do que são hoje as pedras preciosas, e as especiarias do Ganges.

Que direi do Senhor Rei D João IV. escolhido por Deos, para Restaurador da liberdade Lusa, depois de 60 annos opprimida pelo Poder intruso? Toda a Nação, diz hum grande Politico, (2) que huma vez perdeu o seu dominio, forceja sempre por tornar a adquerilo. Foi este o Heróe magnanimo, que confiado no poder divino, quebrou, e espedaçou, os pezados grilhões da Tyrannia, arrancando ao lião soberbo as gar- ras, e os dentes (3). Se acaso os Heróes famigerados da antiga Grecia, e Roma, forão os primeiros na du-

tando das riquezas do Universo, disse sem pejo, e sem rubor: *O' Cives, Virtus post numos.*

(1) Honrou Carlos V. a memoria de Sebastião Cano, por ter voltado á Europa pelo Cabo da Boa-Esperança, com huma Medalha, na qual se via hum Globo, e huma legenda que dizia: *Primus me circumdedisti.* Quanto mais deve a Europa inteira aos Portuguezes pela producção de hum Bartholomeu Dias, Gamas, Almeidas, Albuquerque, etc.

(2) D. Luiz da Cunha, Cartas de Officios.

(3) Alude-se ás quaze immensas difficuldades que este grande Soberano venceo contra o poder de Hespanha. Pereira, Elogios dos Reis.

ação; se os
e os Arcures,
to na superio
Que dire
Vossa Mage
Pai da Patr
da, he mais e
gio que comp
ção de tanta
o unico lene
mossa sandad
feitos Monar
tros, nem a
para o seu c
O justo
unanime de
ellevado ao
foi o seu pr
das Artes, e
do cios da
pio da Sabes
há que me
tudo, em
pois derran
a eu quem
as bimens
inação que
na Anima
fica a mil
traz, seja
manifestade.
trate, e s

(1) São in
brun, artilho
Lusa ao mar

ração; se os Heitores, os Alexandres, os Constantinos, e os Arctures, lhes precederão, não o vencerão por certo na superioridade da sua grande alma.

Que direi do Senhor Rei D. José, inclito Avô de VOSSA MAGESTADE, por justa antenomiasia chamado o Pai da Patria? Se a Eloquencia muitas vezes por muda, he mais energica (1), a esta só deixarei o justo Elogio que compete a suas immortaes Acções. A recordação de tantas Virtudes, e seu justo galardão, são hoje o unico lenetivo que possuímos para metigarmos a nossa saudade. He tão fatal o golpe da Parca nos perfeitos Monarchas, que nem o incessante giro dos Astros, nem a mesma Philosophia Estoica, achou balsemo para o seu curativo.

O justo Elogio finalmente deste Senhor, he a voz unanime de todos os bons Portuguezes. Logo que foi ellevado ao Throno de seus gloriosos Predecessores, foi o seu primeiro cuidado, e desvello, a Restauração das Artes, e Sciencias, até alli submergidas no proffundo cáos da mais crassa ignorancia. Entrando no Templo da Sabedoria Eterna; assim falla ao Deos increado
 « Já que me déste a existencia, seja todo o meu cuidado, em meditar sobre as tuas grandes obras! E
 » pois derramaste a verdade sobre a face da terra, seja eu quem me fatigue em procurala. Quero ser util
 » aos homens já que sou honera, e Rei; não seja a
 » inação quem torne frustrados os esforços da natureza. Anima, ó Deos Eterno, a minha fraqueza, fortifica a minha alma, e faze-me digno de ti, e da natureza, seja eu o que concorra para a perfeição da humanidade. Quando terminar meus dias, hirei contentente, e satisfeito a gloriarte! Assim como ao abil

(1) São inimitaveis os quadros de Homero, e Vergilio, em hum, no silencio de Agas no Inferno, e no outro, no de Dido com Eneas no mesmo lugar.

„ Artifice compete aperfeiçoar a notureza , assim compete aos Monarchas , em certo modo , ajudar a Providencia , sendo o seu Instrumento . Tres e quatro vezes feliz , o que he escolhido para Executor dos Decretos do Todo Poderoso !

Assim dizia este grande Monarcha ardendo em desejos de felicitar a seus fieis Vassallos , a quem amavaõ como carinhoso Pai .

He doutrina expressa de todos os bons Politicos , que hum Rei sabio , faz que seus Vassallos amem as Artes , e as Sciencias (1) . De ElRei Assuero , dizem as Escripturas santas , que mandára por todo o seu Reino , homens habeis , para instruir os seus Póvos , nos preceitos da Religião , e no dever de vassallos . Pizando o trilho deste grande Monarcha , foi este Senhor quem espalhou por todo o seu Reino os effeitos da sua Real Beneficencia , illustrando os seus Póvos , com o brilhante esplendor das Artes , e das Sciencias . Foi elle finalmente quem formalizou novos Estatutos , para a Real Univercidade de Coimbra , que o Mundo scientifico , ainda hoje reputa por hum chefe de obra , a fim de dar , hum novo , e melhor methodo ás Artes , e Sciencias , até alli sepultadas nas densas trevas da mais craça ignorancia (2) .

Dom celeste , chamão as sagradas letras (3) , á Sabedoria , a qual vindo de Deos , para elle nos chama . He esta , huma luz interior , que nos dá conhecimento da justiça , e da verdade . Percepção clara , e luminosa das verdades mais sublimes , por principios superiores

(1) Cunha Memorias .

(2) Ha quaze 25 Seculos que Solon viveo , amado dos Athenienses , e ainda os Sabios Monarchas do mundo illustrado respeitão a sua memoria .

(3) Sapient. C. 4. 14. (2) S. João Chrisostomo , exagera a felicidade de nascer de pais sabios , e prudentes .

á nossa razão. Huma immanação da luz suprema, do raio do Sol de justiça; brilhante exalação daquella esplendida estrella, que brilha, e rutila antes da luz da Aurora. A sua feliz posse, he mais rica, e preciosa, do que o oiro purissimo, e o seu lustre, mais brilhante do que todo o esplendor das pedras preciosas.

Ora sendo estas as puras fontes, onde VOSSA MAGESTADE bebeo a largos sorvos as cristalinas aguas da mais bella Educação logo dos tenros annos, que seria depois em idade mais rebusta, e varonil! Moral desconhecida nos mais remotos tempos, e que não souberão dictar, nem a Sciencia dos Platões, e Aristoteles, nem as lições, e Escolas do Portico de Liceo, do Stao, e Ariopago.

Eloquentes pennas dos Osorios, dos Teives, dos Souzas, e dos Barros, por vós agora chamo, para dignamente terminar o Elogio do meu Augusto! Sómente ás almas grandes, he a quem o Ceo permite, eternizar as Acções dos grandes Principes, que com sua alta Politica souberão triunfar em tempo oportuno de seus crueis rivaes, popando o sangue de seus Vassallos.

Gloriosa Princeza dos mares, inclita Lusitania, que Palmas, que Trofeos, que Coroas de loiro immortal, poderei hoje consagrar-te, que dignas sejam da tua grandeza? Gada hum de teus filhos he huma Cidade forte, e innexpugnavel, huma Coluna de aço, e hum Muro de bronze.

Por muitas centenas de annos, souo rios de sangue a antiga Roma, por subjugar, e por se fazer Senhora do Universo, submetendo ao seu Imperio infinidas Nações, e quando chegou ao maior auge da sua gloria, foi então que os Barbaros septentrionaes, a reduzirão ao mais vil estado de abatimento, e escravidão. Houve este Estado hum corpo monstruoso, pois tendo a Cabeça no Occidente, nutria membros distantes de si mesmo, por infinito espaço, com mares, e terras interpóstas, conhecendo por fim serem as Rique-

zas do Universo, pragas do Egipto, que convertem em sangue as agoas dos nossos suores, e fadigas (1).

Seculos de ferro, de sangue, e de carnage, fugi para longe de nossos lares. A natureza fecha os olhos, esconde o rosto, e tapa os ouvidos, só com ouvir os barbaros feitos desta guerreira Nação. Parece que o Averno abrindo a espantosa boca, vomitou sobre a terra estes flagelos da humanidade! Nunca os asperos desertos da Arabia, nem os espantosos hermos da Ethiopia, nem as inhospitas Montanhas da Libia creárão mais cruas Serpentes, do que Roma creou em seu ceio, mais horriveis Tygres. Em que peito de hircana Tygre mamaste o venenoso sangue! Com vosco fallo, Neros, Caligolas, Sardanapalos. Alçai as frentes das frias sepulturas, e aprendei, que não he por entre ondas de sangue, e montões de Cadaveres, que se consegue a gloria eterna, e immortal nome, mas sim pela Virtude da Beneficencia! Desgraçado o mortal, que vendo pendente sobre a cabeça a espada de dois fios da divina justiça, jámais sopea no seu coração, o imperio de suas paixões, as quaes, como liões rompentes, só se satisfazem do sangue, e da carnagem. Que esquecido do brado da morte, e do medonho aviso da fraqueza do barro, qual outro Balthesar, mofa do poder celeste. Semilhante o Tyranno, ao Espirito sedento, pertende insano, subir ao Aquilão, e ir assentar-se no Monte do Testamento, mas em breve reconhece o seu erro (1).

Não he juncada de Cadaveres a estrada da gloria, sómente os Princepes perfectos, traçados pela mão de Deos para felicidade de seus Vassallos, he que pizão seu terreno. Seus immortaes feitos, o tempo os olha com veneração, e resgeito, suspendendo sua acicalada

(1) Vieira Sermões.

(1) O Ceo, e a terra olhão com horror ao soberbo. Amhos os Mundos o aborrecem. Creset Maximas de Salomão.

fôce, e a soberba Aguia de Jove, reclina sua elevada frente, para ouvir atormentada, seus Epícos louvores (1).

He a Real Beneficencia, a celeste formosura das almas nobres (2). Astro benigno, que só influe ordenados movimentos Esta, diz Salomão, que a mereçera a Deos, e que hera mais antiga nelle, do que elle mesmo. A maior, e melhor diviza que os Principes deverão escrever nas suas Bandeiras, e Estendartes, hera a de terem felicitado a seus feis Vassalos. Virtude mais alta, e mais sublime, que o vencimento de Reinos, e Imperios, o que jámais se consegue, sem grandes effusões de sangue, e copiosas lagrimas dos consternados Póvos. He esta Virtude, huma celeste chama aceza pelo increado Ente na parte mais superior da nossa alma, qual rutilante estrella no alto do firmamento. Quando hum Principe sabio premea os suores, e fadigas de hum Vassalo fiel, que ou no exercicio das Armas, ou na applicação das Letras se fatigou, e empa-leceu, faz muito mais, que não fizerão os Darios, e os Alexandres no progresso de suas Batalhas (3). Esta he a imperiosa alçada do merecimento sólido. Morrem, e se aniquilão os feitos barbaros, porém as Reaes Virtudes de hum Principe justo, o mesmo Ceo as aviventa, e conserva, como se fossem gravadas no Bronze, e no Diamante. (4)

Admirado o grande Rei de Tiro das Virtudes do Monarcha de Jerusalem, rompeo nestas vozes. "Agora, Senhor, conheço que Deos olha pela tua felicidade, pois vejo que foi o mesmo Deos, quem pôs sobre

(1) Pindaro na primeira Ode Pithia.

(2) Sousa fallando desta Virtude diz, que quem a pratica, já toca o Ceo com as mãos.

(3) Vide Elogio de Pindaro a Trajano.

(4) S. João Chrisostomo prégando em Constantinopla só fez apreço da efficacia da sua eloquencia, e não dos vãos louvores.

„o Throno desta Monarchia, o Augusto, o Pio, e Fidelissim^o Rei que nos governa! (1)

Este eloquente, e sublime Apostrofe, que as sagradas letras profferem deste grande Monarcha, sem a mais tenue porção de adolador incenso, se póde justamente applicar á alta ventura que gosamos na posse do feliz Reinado de VOSSA MAGESTADE, e na certeza, de que he Deos, quem escuda, e defende a preciosa vida de VOSSA MAGESTADE, e igualmente toda a Lusa Monarchia, perseguida, mas nunca vencida, desde sua gloriosa origem.

Exaqui, REAL SENHOR, hum eterno Padrão do meu reconhecimento, e da minha gratidão. Em quanto pois o Sol der luz ao Mundo; os Planetas nos Orbitas girarem, as leis observando que lhe forão impostas, viva existirá na minha memoria a recordação das Reaes virtudes de VOSSA MAGESTADE. Acabarão os Arcos, e Obeliscos que a antiga Grecia, e Roma, eregio á memoria dos seus Heróes porém o imperio, e alçada de escriptura, jámais a póde aniquilar o poder dos annos.

Inda a pezar de trinta, e tantos seculos, lemos as Acções de Achilles. Tudo perece, e acaba, mas não os immortaes feitos dos Soberanos, os quaes hão de existir, até que a Esfera á imperiosa voz do increado Ente, desencaixada dos seus eixos, se precepite no abismo do nada, donde surgiu (2).

Que me resta, SENHOR EXCELSO, se não rogar, ao Eterno Ente, que conserve a preciosa vida de VOSSA MAGESTADE para defensor da Religião Santa, conservador da paz, protetor das Artes, e das Sciencias, e

(1) O Espirito Santo diz. Ouvei ó Reis, e ficai certos, que o vosso poder vos foi dado por Deos. Sapient. Cap. VI.

(2) Esta a causa porque Flavio José, esculpió em alterosas Colunas de marmore, os 930 annos que viveo, a fim de os eternizar nas futuras idades.

dos que as proffessão (1). O Reinado de Cesar ficou perpetuado na historia por se haver nell^{to} fechado o Templo de Jano, depois de decipadas as cinco guerras Civeis, e outras extranhas.

Não he o oiro mais do que huma representação falsa da riqueza. A experiencia dos Seculos o confirma. São jogos da fortuna, e sómente precisas ao Sabio para augmentar os seus conhecimentos (2). Jámais Salomão seria o modélo e esplendor da Soberania, se tivesse cuidado sómente em ajuntar os Thesoiros de Osir, por tantos, e tão differentes rodeios. De pouco, ou nenhum valôr são dignos os feitos dos Porcios, e dos Gracos, por terem sido recamados de oiro, e da gloria, pelas caudaes Riquezas dos Perineos. Tudo termina, e acaba, só a Virtude he immortal.

Deos da humanidade, conservai a preciosa Vida do nosso Augusto, a fim que bem, qual outro Anjo que vós collocaste com a espada na mão ás Portas do Paraíso, seja Elle quem prohiba a entrada aos mallevolos no ceio da Paz. Derramai sobre toda a Nção a intelligencia do verdadeiro bem, e o espirito de Conciliação, a fim que todos se possuão dignamente chamar filhos vossos, feis defensores da fé, modélo do verdadeiro Heroismo, e finalmente merecerem o illustre nome de *Portuguezes*.

F I M.



(1) Vide Reinado de Luiz IV., cujos feitos serão eternos no Mundo, em quanto nelle viver o amor da literatura.

(2) Marquez de Pombal. Libello Famoso.